

O ENSINO DE GEOGRAFIA POR MEIO DE PROJETOS DE PESQUISA: EXPERIÊNCIAS EM ESCOLAS PÚBLICAS DE UBERLÂNDIA – MG

Vicente de Paulo da Silva*

RESUMO

O objetivo deste trabalho é relatar as experiências vividas, enquanto pesquisador, no projeto O Ensino de Geografia por Meio de Projetos: a pesquisa geográfica em escolas de educação básica, desenvolvido com alunos e professores de escolas públicas, em Uberlândia MG. O projeto recebeu financiamento da Universidade Federal de Uberlândia – UFU, como parte da política da Pro-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, de incentivo à pesquisa para recém doutores. Da aprovação da proposta, passou-se à fase de implantação do projeto junto aos alunos da escola envolvida. O intuito era apresentar uma proposta de ensino de geografia baseada na pedagogia de projetos. O objetivo geral do projeto era desenvolver projetos de Pesquisa em Geografia com alunos da Educação Básica em que os mesmos atuariam na condição de pesquisadores com orientação envolvendo a Escola e a Universidade. O projeto parte do entendimento de que embora muitas propostas tenham sido apresentadas ainda há uma enorme distância entre essa apresentação e sua implementação. Considera-se de extrema importância o investimento na Educação Básica, especialmente no que se refere à forma de atuação junto aos alunos das séries que compõem essa fase da educação. Neste caso é que se defende o trabalho com projetos de pesquisas enquanto uma metodologia, pois, acredita-se, esta seria a melhor forma de se falar em aprendizado.

Palavras-chave: Geografia. Educação Básica. Projeto de Pesquisa.

1 INTRODUÇÃO

A proposta essencial aqui apresentada é do trabalho com projetos de pesquisa em que os alunos da Educação Básica devem ser incentivados a elaborar e a desenvolver esses projetos diretamente na condição de pesquisadores. A implementação de uma proposta como esta, além de impulsionar o ensino de Geografia, por meio dos projetos de pesquisa, abre caminho para a incrementação de um processo de ensino que seja de fato interdisciplinar. E o que é mais significativo, essa interdisciplinaridade surgirá de forma espontânea à medida que os projetos forem sendo desenvolvidos pelos alunos, ou seja, será, principalmente, da parte do aluno que a interdisciplinaridade poderá acontecer na escola, sem que o trabalho fique exclusivamente a

* Professor Adjunto do Instituto de Geografia da UFU. Endereço postal: Universidade Federal de Uberlândia - Instituto de Geografia. Av. João Naves de Ávila, 2121 – Campus Santa Mônica, Bloco 1H. Uberlândia-MG – CEP 38408-902. E-mail: Vicente@ig.ufu.br

cargo do professor, mas seja fruto de uma interação entre todos os sujeitos envolvidos no processo.

À Escola de Educação Básica caberá a responsabilidade de propiciar condições que estejam ao seu alcance para que o projeto possa ser desenvolvido por professores do quadro. Se, a princípio, a proposta é para a área de Geografia, outras áreas poderão adotar essa metodologia de trabalho.

Cada etapa do trabalho deverá obedecer ao calendário letivo das escolas e a cada ano novas propostas poderão ser implementadas, cujo objetivo será sempre a busca da adesão de cada vez mais escolas ao adotarem o trabalho com projetos de pesquisa. As experiências adquiridas nesses momentos servirão de subsídios para mudanças de rumos e para a inovação continuada desta proposta.

2 METODOLOGIA

“Conhece-te a ti mesmo”. Esta máxima inscrita na entrada do Oráculo de Delfos e tão apreciada pelo grande filósofo Sócrates é também o fio condutor desta proposta, a âncora, o início e o fim. “Aqueles que não se conhecem e se enganam totalmente sobre sua própria capacidade encontram-se sempre na mesma posição, estejam lidando com outras pessoas ou com qualquer outro aspecto das relações humanas” (GROSS, 2005, p.41).

A proposta apresentada visa a atender alunos de escolas de educação básica, principalmente, da rede pública. Dessa maneira, intenta-se inseri-los num processo de ensino e de aprendizagem no qual experimentarão o ensino pela pesquisa na condição de pesquisadores.

É preciso, segundo Callai (1998), desenvolver nessas séries conceitos importantes e constitutivos da própria vida mais do que apenas ensinar conteúdos, neste caso de estudos sociais, sem que o aluno possa se ver no processo e mesmo no objeto em que esteja estudando. A construção desses conceitos é o grande desafio. Como diz Callai “especialmente porque não se trata de oferecer à criança um conceito produzido, mas precisamente oportunizar que ela mesma construa seu próprio conhecimento”.

A aprendizagem pela pesquisa constitui a forma mais produtiva de fazer com que o aluno construa esse conhecimento. Isso se considerarmos, conforme Callai, o aluno em sua plenitude.

Dar a ele a chance de se descobrir enquanto ser social por meio da pesquisa supera as formas de ensino convencionais e pouco produtivas com que nos acostumaram.

O aluno deve entender porque foi para a escola e como aquele espaço será importante, ou pode vir a ser, na sua formação enquanto cidadão. E isso só será possível se, seguindo as orientações de Callai, *descartarmos os conteúdos preestabelecidos, a transmissão mecânica de informações prontas e acabadas e a transmissão de conhecimentos alheios à vida do aluno* (grifos nossos).

Se quisermos ver o aluno em sua plenitude, assim também devemos pensar o ensino e da mesma forma propomos também pensar a ciência geográfica. Por isso falamos em educação básica por entender que, a princípio, a designação é mais propícia à proposta inicial. Entendemos, porém, que há fases a serem respeitadas, as quais não são do ensino e sim do próprio aluno. É preciso acompanhar a capacidade de aprendizagem do aluno e essa não será dada por nenhuma teoria, mas por ele mesmo. Todavia, não podemos propor os mesmos projetos para alunos que estão nas séries iniciais da Educação Básica e para aqueles que se encontrem nas séries finais.

O conhecer-se a si próprio, como concebemos neste momento torna-se uma metodologia de trabalho na qual desde a 1ª série o aluno é confrontado com a realidade que o cerca e não apenas situado nela de forma pacífica como se ambos tivessem uma existência independente. Durante toda a Educação Básica o aluno deve buscar conhecer-se conhecendo a realidade, e vice-versa, para então entender o sentido das coisas, do mundo, de tudo.

Na caminhada pela Educação Básica, e pelo ensino de geografia por meio da pesquisa, o aluno estará, mais do que nunca, conhecendo-se a si próprio. Os temas, como foi dito anteriormente, podem partir dos próprios alunos ou mesmo sugeridos pelos professores. O fato é que deverão permanecer como sugestões e nunca como imposições ainda que tenham sido elaborados seguindo a um norte. Entretanto, não se deve esquecer qual foi o norte que o proponente entendeu ser pertinente, além do que, muitos outros poderão ser apresentados.

O conteúdo proposto em Geografia deve abordar o Espaço Geográfico em suas diversas dimensões e escalas de análise ou as diferentes categorias de análise da Geografia. Com isso, o estudante pesquisador aprenderá ou apreenderá esses conceitos pela via da inteligência, da descoberta, da vivência. Os conceitos aprendidos assim não são passageiros, ao contrário, são duradouros e dão mais sentido aos estudos de geografia e, conseqüentemente, contribuem, de

forma incisiva, para que, de fato, o aluno conhecendo a geografia possa então por conta própria entender o significado da máxima “conhece-te a ti mesmo”.

3 APORTE TEÓRICO: BASES LEGAIS E CIENTÍFICAS PARA PROPOSIÇÃO DE PROJETOS

Esta proposta está voltada para alunos da Educação Básica que, conforme a Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN – é formada pela educação infantil, ensino fundamental e ensino médio. Segundo esse documento elaborado pelo Ministério da Educação e Cultura – MEC – no Artigo 22, “a educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores”.

Em vários momentos da LDBEN é possível perceber menções ao fato de que é preciso desenvolver a capacidade de aprender do educando, fortalecer vínculos com a família, preparar para a cidadania, aprimorar o indivíduo como pessoa humana, enfim, há muitas propostas, muitas boas intenções. Entretanto, na prática pouca coisa é implementada ou deseja-se implementar sem que isso custe maiores investimentos para a educação.

Há uma série de medidas que precisam receber a devida atenção para que um projeto de educação seja posto em prática com vistas às mudanças ou ao acompanhamento delas, por onde passam o espaço, a sociedade, o mundo. Ensinar hoje em dia, ainda é um processo que, como há muito tempo atrás, insiste na transmissão de conhecimento sem criatividade ou sem que se respeite a capacidade do educando de pensar por si mesmo e de interferir no processo pelo qual ele é educado. Felizmente, isso não é uma regra, é preciso pensar que muitos profissionais da educação têm atuado incessantemente na busca de novos métodos de abordagens de modo a tornar o ensino uma atividade prazerosa, quer seja para quem ensina, ou para aquele que, teoricamente, é o que aprende.

Isso equivale a dizer que o ensino tem funcionado como uma rua de mão única na qual o professor sabe tudo, ou acha que sabe, e os alunos não sabem nada, ou se sabe deve ficar quieto em seu canto e ater-se a repetir o conteúdo ensinado. Dito de outra forma, isso significa impedir o debate que poderia revelar muito mais sabedoria no aluno do que no próprio professor.

É assim que o trabalho em Geografia, com projetos de pesquisa, ainda pode fazer a diferença no processo de ensino e de aprendizagem. Cosgrove (1993) dizia que a Geografia está em todo lugar. Acrescentamos a essa idéia de que cabe a cada um vê-la e descobri-la onde quer que esteja.

Com isso o trabalho com projetos pode ser de vital importância: mais do que receber uma geografia pronta e acabada, o aluno da Educação Básica terá a chance de produzir, construir, descobrir fazer e refazer essa fascinante ciência chamada Geografia.

Nosso dia-a-dia está permeado de Geografia, mas esta se mostra cada vez mais distante devido à forma como muitos professores insistem em trabalhá-la. Ainda hoje é possível ouvir argumentos de pessoas que se queixam da dificuldade de estudar geografia ou que dela têm péssimas lembranças devido à incapacidade que tem para decorar.

O mundo se transformou. A sociedade também passou por sérias transformações, o espaço é produzido contínua e cotidianamente. Por que então a escola, ou melhor, nossos professores insistem em ministrar as enfadonhas aulas de cerca de 20 anos ou mais? Que aluno consegue formar com métodos ultrapassados ou que pelo menos não busquem acompanhar o movimento de transformação do mundo, do espaço, enfim, da sociedade?

O professor que constitui uma parte fundamental, e ao nosso ver insubstituível, no processo de ensino e de aprendizagem, não consegue enxergar a amplitude, a extensão de sua profissão. O término da graduação deveria se constituir apenas em mais uma etapa completada da vida acadêmica. Além dela outras virão e cumprirão o papel de manter o professor atualizado e capaz de acompanhar o ritmo das transformações do espaço. Consequentemente, ele verá que há necessidade de mudança na forma de ensinar.

A imposição constitui um dos fatores que têm impedido esse avanço. Mesmo as idéias boas não devem ser impostas e sim sugeridas. Entretanto, podemos cair no círculo vicioso em que ninguém assume a responsabilidade pelo fracasso e ninguém toma a iniciativa de mudar, de experimentar novas alternativas. O professor não quer agir sob coação, no que ele está absolutamente correto. Mas radicaliza ao não aceitar qualquer proposta vinda de outros sob o argumento de que não quer perder sua autonomia. Mas ele também não ousa propor coisas diferentes e o abismo entre a idéia e a prática se aprofunda.

Há muito que podemos fazer para a melhoria da qualidade de ensino. Martins (2005) lembra como é incontestável o fato de que há muitas maneiras de aprender, assim como há muitas

maneiras de ensinar com muitos e variados recursos didáticos. É, principalmente, nesse autor que embasamos nossa proposta de colocar em prática a idéia de trabalhar com projetos de pesquisa em geografia na Escola de Educação Básica.

A grande vantagem dos projetos direcionados para a pesquisa, segundo o próprio Martins (op cit, p.37),

É criar condições para que o estudante mostre os saberes prévios que possui sobre o assunto a ser investigado, como também é lhe dar oportunidade de se mobilizar na busca e na construção de conhecimentos novos, exercitando, para isso, a desenvoltura, a criatividade e as próprias competências na utilização dos procedimentos do método científico pelo crescimento de sua auto-estima e confiança.

O papel do professor também é destacado pelo autor. Em sua opinião, nenhuma proposta será viável se ele [o professor] não dispuser a romper e quebrar com os paradigmas existentes e tradicionais da escola. Da mesma forma a proposta estará fadada ao insucesso a depender da disponibilidade do professor, como ressalta Martins, em confrontar e romper a rigidez dos métodos, e das normas implantadas no ensino, para reconstruir uma nova ação pedagógica.

A pesquisa na escola de Educação Básica poderá ser acompanhada de muitas mudanças, ou quem sabe daqueles que podem provocá-las. Ninguém saberá se não tentar. Mudança na forma de ensinar, de aprender, de enxergar, de responder, enfim, de agir como coloca Demo (2002) quando propõe que a pesquisa seja o modo de vida das instituições educacionais. Para ele essa é uma forma de fazer do aluno o autor, com idéias próprias, com capacidade de argumentar com autonomia, de entrar em polêmicas com capacidade de argumentar, capacidade de propor projetos próprios. Para Demo (op cit, p.94), “é de todo prudente promover pesquisas que exijam mais que dedicação teórica, também para cultivar a capacidade de agir, não só de pensar”.

O princípio da autonomia, bem como do ensino pela pesquisa também já foi defendido por Freire (2005) o qual distingue a curiosidade epistemológica da chamada curiosidade ingênua ou do senso comum. Esse autor reconhece que deve haver também, por parte do professor, o respeito e o estímulo à capacidade criadora do educando.

O respeito à autonomia do educando significa guiá-lo por caminhos que o façam descobrir a complexidade que constitui o ser humano e a nossa realidade e, nesse sentido, deixar que ele diga quem é e não tentar fazer dele um molde, um fantoche. Isso significa acima de tudo respeitar a sua condição humana, como defende Morin (2004).

Essa proposta, de desenvolver os projetos de pesquisa na Escola de Educação Básica, está em consonância com o que, sabiamente, Morin expõe ao longo da obra *‘Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro’*. A pesquisa pode situar o aluno tanto diante de suas potencialidades quanto de suas fragilidades. Além disso, impõe a ele próprio a necessidade de superação das fragilidades ajudando-o na correção de erros, na escolha de caminhos, na auto-visualização de possibilidades e não em seu massacre.

“A educação do futuro deverá ser o ensino primeiro e universal, centrado na condição humana”, isto é o que diz Morin (op cit, p.47). Ele ainda complementa que “conhecer o humano é, antes de qualquer coisa situá-lo no universo, e não separá-lo dele... todo conhecimento deve contextualizar seu objeto, para ser pertinente. ‘Quem somos?’ é inseparável de ‘Onde estamos?’ ‘De onde viemos?’ ‘Para onde vamos?’”.

Entendemos que uma metodologia de trabalho baseada em pesquisas seja a forma de pensar e tentar responder a estas questões. Querer dizer ao aluno quem ele é, de onde veio e para onde vai é, no mínimo, não pretender que saiba ou descubra as respostas. É o mesmo que o professor dizer “você é o que eu quero que você seja”, ou mais duramente, “você não é ninguém”. É pela pesquisa que o educando se descobrirá como ser humano, com toda incerteza do que virá a ser o futuro uma vez que, como diz Morin, “o futuro chama-se incerteza”.

Ao se falar de pesquisa na Escola de Educação Básica temos em vista um processo diferente de ensinar, o qual não se confunde com os rotineiros trabalhos propostos, ou melhor, impostos pelo professor como tarefa de casa. Estamos falando, sim, de pesquisa com suas fases, com suas normas. Claro que é preciso respeitar os limites dos alunos, mas é possível, com uma boa orientação, desenvolver o gosto e o prazer de pesquisar desde as séries iniciais do ensino fundamental.

“Deve-se acostumar, desde o ensino básico, a pesquisar como técnica didática moderna de aprender com eficiência e de preparar a criança para o futuro, mas para isso ela deverá ser bem orientada” (MARTINS, op. cit., p.92). Com base nesse argumento é que se defende aqui, não a atribuição de mais um papel ao professor, e sim a união de forças entre professores universitários, professores de Educação Básica, diretores, alunos de graduação e pós-graduação, e de outros membros da comunidade e instituições, na busca da implementação do ensino por meio da pesquisa.

4 RESULTADOS

4.1 A escolha dos alunos pesquisadores na primeira experiência prática

A proposta foi apresentada, inicialmente, a uma escola da rede pública municipal de Uberlândia. O projeto foi enviado para a direção da escola e, posteriormente estivemos nessa instituição para discussão com os professores sobre a possibilidade de envolvimento de todos. Estiveram presentes quatro professores de Geografia e a diretora.

Apenas dois professores assumiram o desafio de iniciar o projeto e juntos desenvolvermos a proposta com seus alunos. Além disso, contou-se com a colaboração de mais três profissionais voluntários na orientação dos alunos, sendo um professor da rede municipal, um professor formado pela Universidade Católica de Uberlândia e um estagiário do curso de Geografia da UFU.

A primeira etapa do projeto começou com a participação de vinte alunos. A proposta discutida com eles foi de que deveriam se reunir em grupos para apresentação de temas a serem pesquisados. Todavia, definiu-se que a temática geral seria o bairro Morumbi e que dentro da proposta eles teriam liberdade de apresentarem seus projetos, seguindo todas as normas de uma pesquisa científica.

Mesmo com a proposta inicial de envolver toda a escola e alunos, foi necessário selecionar grupos de alunos de 5ª e 7ª série, conforme denominação à época, que participariam do projeto no primeiro momento. Assim o Professor de Geografia da 7ª série expõe o processo de escolha dos alunos nessa turma:

“A escolha dos alunos da 7ª Série se deu por convite aberto a todos da sala, na expectativa que os interessados pudessem manifestar seu interesse particular e irrestrito à atividade proposta. Por três semanas consecutivas, após a reunião do dia 23 de Fevereiro, quando estabelecemos a data para a primeira reunião com os alunos, busquei durante as aulas curriculares expor sobre as propostas de trabalho e sobre o projeto. Ressaltando a importância das atividades extra curriculares a todos os envolvidos como alunos, professores, escola, bairro (comunidade) e UFU. relatei que esse trabalho necessitaria que realizássemos reuniões sistematizadas e que conseqüentemente teríamos de fazê-las ao longo da pesquisa regularmente no turno oposto ao que eles estudavam durante os módulos do professor, aos sábados e principalmente dos trabalhos de campo que necessitaríamos fazer como fases importantes de aprofundar a todos sobre a

pesquisa e sua contribuição ao aprendizado geral do aluno – professores, sempre na ótica de melhorar a formação do aluno pesquisador sem prejudicar seu rendimento na sala de aula.

Repassei em linhas gerais o objeto e campo de pesquisa, seria o Bairro Morumbi. Que caberia a nós definirmos os temas de trabalho. Assim conclui o convite, distribuindo aos alunos interessados as autorizações para que seus pais tivessem ciência e dessem o consentimento ao educando, pois os mesmos estariam realizando atividades educacionais fora do horário escolar e principalmente extra curricular.

Nesse processo de escolha, dos alunos pesquisadores, durante o convite aos alunos das duas turmas de 7ª Séries, aproximadamente uns 60 alunos, poucos ficaram interessados na proposta, mas na medida que retomei a apresentação do projeto e do convite, gradativamente os mesmos foram manifestando o interesse e os questionamentos foram surgindo :

Como vai ser isto? Que dia será? O professor é da UFU? Quem vai participar? Sobre o que posso falar? Falar do Bairro, mas o que?

Assim conseguimos montar o grupo de alunos para a reunião do dia 17 de Março de 2007.

Durante os módulos escolares, realizei duas reuniões com o grupo, enfatizando a necessidade de definição do tema de pesquisa, ou melhor, das propostas de pesquisas que eles, alunos, queriam trabalhar, sempre resgatando que nosso objeto de estudo era o Bairro Morumbi e sua organização social, política, urbana, ambiental, sob a ótica da paisagem e suas transformações e as relações que nesse espaço se travam continuamente. “O prazo estabelecido foi a segunda semana de Abril” (Depoimento do professor de Geografia).

Nesse sentido, o primeiro encontro com os estudantes quando houve a reunião para apresentação do projeto e falar pela primeira vez em uma pesquisa científica em que eles seriam os pesquisadores foi um momento ímpar. Foram utilizadas algumas situações para provocar a curiosidade dos alunos e depois falar de pesquisa científica em Geografia.

Na reunião, falou-se em pesquisa, no que isso consiste, quais as principais qualidades de um pesquisador, suas responsabilidades, suas curiosidades. Repassaram-se objetos embalados em papel, caixa ou plástico, para que sentissem e tentassem dizer do que se tratava. Cada um procedia de um modo diferente para tentar descobrir o que havia dentro do embrulho e arriscava nas hipóteses, ocasião em que se explorava o termo. Assim procedeu-se para todas as etapas da pesquisa.

Havia também muito interesse e demonstração de prazer por terem sido escolhidos para fazerem parte do projeto. Não foi pedido que escrevessem nada nessa reunião que era apenas um

contato para melhor nos conhecermos, porém, ao final fomos surpreendidos pelo número de depoimentos, sendo que os alunos fizeram questão de entregar por escrito, como se segue:

Pesquisar é um modo de saber e conhecer as coisas, podem ter varias hipóteses e uma delas é a verdadeira ou muito mais.

Nem todas as vezes as hipóteses podem estar certas, mais o interesse da geografia não é só levantar hipóteses e também descobrir como as coisas foram feitas aonde foi e com elas chegaram até nós.

Algumas descobertas podem chegar milhares de anos isso depende muito do estudo feito pelos historiadores. O estudo nos ajuda muito sem eles o tempo não passara e também não conheceríamos nossos antepassados e o que eles tentam nos mostrar, por exemplo : objetos, quadros, rochas antigas, peças de roupas, etc. (Depoimento de aluno)

A principal característica que um pesquisador tem que ter é ser curioso, para poder cada vez mais descobrir a origem do objeto a ser pesquisado, o pesquisador que não é curioso se desinteressa muito rápido não tem aquela gana / vontade de saber tudo sobre o que ele está pesquisando (Depoimento de aluna)

E a chance de ter ou não ter, poder e não poder ser e não ser, querer ou não querer etc. (referindo-se à definição de hipótese). Pesquisa? Ser curioso, para saber o que é, tem, foi, vai ser etc... Mas Pesquisa não é adivinhar, tentar na sorte, não pode si descartar a possibilidade de saber descobrir pesquisa não é Bater o olho e ter certeza que é foi, vai ser etc. Tem que se corajoso porque, Pesquisa as vezes pode ser perigoso e ao mesmo tempo ser interessado, não achar aquilo um tédio, etc” (Depoimento de aluno)

O pesquisador para saber identificar, ele precisa saber e pesquisar as coisas que acontece e observar as características das coisas dos lugares onde estão e o que são. Hipótese – é opinião sem ter medo de dizer se está errado ou certo e ter curiosidade de observar e pesquisar para chegar em algum lugar ou seja para descobrir se sua conclusão está certo ou pode ser que esteja errado (Depoimento de aluna).

Aprendi que os professores também aprendem muito com os alunos (Depoimento de aluno).

O geógrafo deve ser sempre curioso para chegar em qualquer conclusão, para isto ele levanta hipóteses. Trabalho de campo é ir até a área que está sendo pesquisada e tentar entender melhor o que está sendo estudado (Depoimento de aluno).

4.1.1 O desenvolvimento da proposta na Escola

Os alunos envolvidos foram orientados a elaborar e desenvolver projetos de pesquisa. Eles participaram na qualidade de pesquisadores e não de objetos da pesquisa. Com o apoio da direção da escola e o envolvimento, a priori, dos dois professores de Geografia, o trabalho foi posto em prática. Numa primeira fase, como se disse anteriormente, o trabalho foi iniciado com alunos de 5ª e 7ª séries, atuais 6º e 8º Anos do ensino fundamental. Posteriormente, o mesmo deveria ser desenvolvido com alunos da 6ª e 8ª séries e, de preferência, com os alunos que atuaram na primeira fase. Dessa forma, haveria condições de acompanhar o desenvolvimento desses pesquisadores, da pesquisa em si, bem como o desenrolar do trabalho na sala de aula e na Geografia em particular. Entretanto, entendeu-se como percalço do processo o fato de que, apenas os alunos de 7ª série chegaram ao final do ano com o desenvolvimento de um projeto.

Os encontros com todos os alunos eram realizados, a princípio, nos sábados, na sede da escola. Posteriormente, começamos a atendê-los em dias alternados durante a semana. Esses encontros permitiram as orientações mais gerais sobre uma pesquisa e garantiam que os grupos dialogassem entre eles e com os professores orientadores. Cada professor passava um momento com cada grupo discutindo a temática e buscando definir rumos. Ao final deixava-se uma tarefa para o período entre um encontro e outro e assim alguma atividade era cobrada para o próximo momento.

No dia-a-dia os professores da escola dedicavam um tempo para eventuais necessidades dos alunos em receberem orientação. A aprendizagem pela pesquisa constitui a forma mais produtiva de fazer com que o aluno construa esse conhecimento. Isso se considerar, conforme Callai anteriormente citada, o aluno em sua plenitude.

O grupo de 7ª série apresentou a temática relacionada à água. Nesse sentido, os alunos diziam que queriam entender o processo de abastecimento do bairro, as condições em que a água se tornava uma situação problemática, ou seja, a carência de infra-estrutura no bairro provocava situações caóticas em períodos de chuvas.

Num primeiro momento elaboraram o projeto de pesquisa, orientados pelo professor de Geografia e orientador do grupo. Depois começaram a construir o referencial teórico como foram orientados na reunião anterior. Mas suas expectativas e cobranças eram em torno do trabalho de campo que queriam muito realizar.

No dia 27 de setembro finalmente tiveram o contato com o campo. Fomos com oito alunos, acompanhados do professor de Geografia, a diretora da escola e dois voluntários, para um trabalho às margens do rio Uberabinha, à montante da cidade.

Os alunos demonstravam euforia e, ao mesmo tempo, indignação pelo que viam. Havia muito resto de lixo como plásticos, garrafas de plástico e vidro, roupas e muito mais, deixados por visitantes que buscavam a área para lazer. A indignação aumentava ao ver restos de churrasqueiras improvisadas ao pé de árvores e que em função disso as árvores estão condenadas por terem sido danificadas pelo fogo.

De uma área do rio seguiu-se para outra de igual importância, isto é, a estação de tratamento de água *Renato de Freitas*, unidade de Sucupira. Os questionamentos e intervenções eram inúmeros. As ideias que fluíam para como colocar no trabalho escrito e o levantamento fotográfico mostravam que o grupo tinha o potencial e sabia agir como pesquisador. O que faltava era interesse, quer seja por parte de professores, direção de escolas, poder público, enfim, falta incentivo a essa forma de trabalho.

4.2 A segunda experiência prática

A segunda etapa do projeto foi realizada em outra escola de Uberlândia por motivos alheios à nossa vontade. De qualquer forma seguimos os mesmos procedimentos da etapa anterior para apresentar aos alunos e professores o teor do projeto que naquele momento propúnhamos à escola.

A direção da escola apoiou a ideia da mesma forma que os professores. Porém, diferentemente da etapa anterior, não foram somente os professores de Geografia, mas também o de Matemática, o de História e o de Língua Portuguesa, quiseram participar do projeto. Todos, a princípio, desenvolveram projetos em Geografia, mas com a contribuição da área do professor.

Também nessa fase diferenciou-se a divisão de turmas proposta anteriormente. Ao invés de 6ª e 8ª séries, contamos com turmas de 5ª a 8ª séries. Cada grupo propôs o seu tema e passamos às orientações tanto aos professores quanto aos alunos.

Ao final, também tivemos resultados, em parte, semelhantes ao da primeira escola. Das quatro turmas iniciais no projeto, apenas uma turma concluiu a sua pesquisa, sob a orientação do professor de História. Além de uma greve na rede estadual em Minas Gerais outros motivos, de

caráter mais particular, influenciaram na decisão dos outros professores em não levar até o final a proposta de pesquisa dos alunos sob sua orientação.

Assim, os alunos da Escola envolvida nessa segunda etapa concluíram, em dezembro de 2008, a sua pesquisa intitulada ‘*O Espaço da Escola: mudanças físicas no entorno da escola Amador Naves nos últimos 30 anos*’. Fizeram-no com palavras simples, por vezes repetitivas, porém com muita empolgação por serem considerados pesquisadores daquela Escola.

*“Através do projeto desenvolvido, com o tema **O ESPAÇO DA ESCOLA: MUDANÇAS FÍSICAS NO ENTORNO DA ESCOLA AMADOR NAVES NOS ÚLTIMOS 30 ANOS**, foi possível verificar que a região passou por inúmeras transformações num espaço de tempo considerado pequeno, historicamente falando. Considerando que a região estudada está localizada na área central de Uberlândia e que esta passou por um processo de crescimento muito grande nos últimos 30 anos, o seu espaço físico acompanhou todo esse processo de crescimento. A cidade de Uberlândia contava no final da década de 70 e início dos anos 80 com pouco mais de 500 mil habitantes. E em 2007, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, essa população passou a ser de 608.397 habitantes e, segundo reportagem divulgada no jornal Correio de Uberlândia, em 05/09/2008, essa população em 1º de julho do ano de 2008, atingiu 622.441 habitantes. Foi possível perceber que a região no entorno da Escola ganhou uma paisagem bem diferenciada daquela que possuía há 30 anos, trazendo mais conforto, mais comodidade, praticidade e desenvolvimento para os seus moradores. Próximo à Escola, estão localizados hoje uma Loja Carrefour, o Center shopping, uma Unidade do SESC, uma unidade da UFU - a Faculdade de Educação Física, duas das principais e mais modernas avenidas de Uberlândia, a João Naves de Ávila e a Rondon Pacheco, uma grande quantidade de casas comerciais, bares, restaurantes e escolas. Juntamente com esse progresso todo, vieram também os problemas como, a grande quantidade de carros circulando, fato que transformou a região numa das mais movimentadas da cidade, uma vez que liga importantes bairros ao centro da cidade; a tranquilidade que antes existia, já não é mais possível, pois as famílias estão cada vez mais trancadas dentro de casa com medo da violência, as crianças já não possuem o mesmo sossego para as brincadeiras realizadas nas ruas; além do mais grave problema enfrentado pela região na época das chuvas, as famosas inundações da Avenida Rondon Pacheco, que já foi responsável por grandes estragos na região e prejuízos a moradores e pessoas que por ela circulam”.*

Assim, os alunos da 6ª série concluíram sua pesquisa. A empolgação era uma característica percebida cada vez que íamos à escola para orientação. Isso reforça nossa ideia de

que a depender do alunado, as propostas alternativas para melhoria da qualidade de ensino são sempre vistas como novidade da qual querem sim experimentar, embora eles sejam uma parte de um processo em que outros atores são peças fundamentais para o sucesso de toda proposta que tenha esse fim.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível e deve partir do entendimento entre professores e alunos que a pesquisa pode funcionar como a metodologia em si baseada no cotidiano da sala de aula, ou seja, como instrumento pedagógico, assim como pode se tornar até mesmo uma atividade lúdica e seduzir o aluno para a importância que deve ser dada aos estudos, além de convencê-lo do grau de responsabilidade nessa fase da vida estudantil.

A pesquisa na escola de Educação Básica poderá ser acompanhada de muitas mudanças, ou quem sabe, poder-se-á provocá-las. Ninguém saberá se não tentar. Mudança na forma de ensinar, de aprender, de enxergar, de responder, enfim, de agir como evidencia Demo (2002) quando propõe que a pesquisa seja o modo de vida das instituições educacionais.

Esse autor lembra que essa é uma forma de fazer do aluno o autor, com ideias próprias, com capacidade de argumentar com autonomia, de entrar em polêmicas, com capacidade de propor projetos próprios. Para Demo (op cit, p.94), “é de todo prudente promover pesquisas que exijam mais que dedicação teórica, também para cultivar a capacidade de agir, não só de pensar”.

O papel do professor também é destacado pelo autor que considera que de nada valerá se ele não se dispuser a romper e quebrar os paradigmas existentes e tradicionais da escola. Da mesma forma a proposta estará fadada ao insucesso a depender da disponibilidade do professor, como argumenta Martins, em confrontar e romper a rigidez dos métodos, e das normas implantadas no ensino, para reconstruir uma nova ação pedagógica.

Todavia, nossa primeira experiência não alcançou os resultados esperados, segundo nossa avaliação, ou seja, muitos também são os percalços nessa caminhada. Quando os professores entenderem que o trabalho pode ser incorporado às atividades cotidianas de sala de aula, que pode contribuir muito para o crescimento acadêmico de seus alunos e, principalmente, quando a rotina deixar de ditar o ritmo da sala de aula e o limite do professor, aí sim, poderemos propor novos projetos que visem essa melhoria da qualidade do ensino que tanto defendemos.

Dos quatro grupos, entre 5ª e 7ª séries, que iniciaram a pesquisa, apenas o grupo de 7ª série chegou ao final e com muitas limitações. Faltou mais participação, mais envolvimento, mais objetivos para com a Educação. Faltou coragem para quebrar paradigmas.

A segunda etapa, ainda que guarde certa semelhança da primeira, mostra que não estamos diante de um sonho impossível. Ao contrário, devemos insistir na idéia de que esse talvez seja um caminho para iniciarmos uma transformação na escola e, por conseguinte, na educação.

Continuamos a acreditar que cabe, em grande medida aos professores, mas não só a eles, a responsabilidade por um ensino melhor. Da parte dos alunos percebemos esse interesse e a vontade em participar de um projeto diferente. Porém, sem a séria participação do professor, acreditamos que nada poderá ser feito.

TEACHING GEOGRAPHY USING RESEARCH PROJECTS: EXPERIENCES IN PUBLIC SCHOOLS AT UBERLÂNDIA-MG

ABSTRACT

This paper reports on the researcher experiences while working on the project 'Teaching Geography using Projects: the Geography research in elementary schools basic education'. The project was developed with the help of students and teachers of public schools at Uberlândia-MG. It was sponsored by The Federal University at Uberlândia, being part of the Research and Post-Graduation Rectory's policies, which foment research to new doctors. The Project was introduced to the school students as soon as the proposal was approved. The aim was to present a proposal on teaching Geography based on the pedagogy of projects. The main objective was to develop projects of Research in Geography with students of the Elementary School where they could act as researchers having their studies involving the School and the University. Although there have been a number of proposals presented, we understand that there is still a long distance between presentation and introduction. We also consider the relevance of investments on Basic Education especially on what it concerns the way we act towards the students in this education phase. This way we argue in favor of research projects with methodology as we believe that it would be the best way to approach learning.

Keywords: Geography. Basic Education. Research Project.

REFERÊNCIAS

BRASIL - MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. **Nova Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. (Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996).

CALLAI, Helena Copetti; CALLAI, Jaeme Luiz. Grupo, espaço e tempo nas séries iniciais. In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos et al. (orgs). **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. Porto Alegre: AGB – Seção Porto Alegre, 1998. p.61 – 70.

_____. O estudo do município ou a geografia nas séries iniciais. In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos et al. (orgs) **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. Porto Alegre: AGB – Seção Porto Alegre, 1998, p.71 – 76.

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, Zeny (orgs) **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998, p. 92 – 123.

DEMO, Pedro. **Saber pensar**. 3. ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2002. 159 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 31 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005. 148p.

GROSS, Ronald. **À maneira de Sócrates: sete segredos para utilizar ao máximo sua mente**. Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Best Seller, 2005. 274 p.

MARTINS, Jorge Santos. **Projetos de pesquisa: estratégias de ensino e aprendizagem em sala de aula**. Campinas: Armazém do Ipê, 2005. 184p.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2004. 118p.

Artigo recebido para avaliação em 03/06/2011 e aprovado para publicação em 19/07/2011.